

**Meu livro
de poemas.
Literatura Brasileira.**

Querido leitor,

Eis aqui poemas da Literatura Brasileira, escolhidos a dedo com muita dedicação e carinho. Faça bom proveito desta leitura!

.Para todos os públicos, especialmente para quem é "amante" da leitura.

Cap 01:

Era Colonial (1500 até 1601)

Quinhentismo.....	03
Seiscentismo ou Barroco.....	05
Setecentismo ou Arcadismo.....	07

Cap 02:

Era Nacional (1836 até 1945)

Romantismo.....	09
Realismo.....	11
Parnasianismo.....	13
Simbolismo.....	15
Pré-Modernismo.....	17
Modernismo.....	19

Autora: R.S

◦ Quinhentismo (século XVI)

Jesus na manjedoura

- *Que fazeis, menino Deus,
Nestas palhas encostado?*

- *Jazo aqui por teu pecado.*

- *Ó menino mui formoso,
Pois que sois suma riqueza,
Como estais em tal pobreza?*

- *Por fazer-te glorioso
E de graça mui colmado,
Jazo aqui por teu pecado.*

*- Pois que não cabeis no céu,
Dizei-me, santo Menino,
Que vos fez tão pequenino?*

*- O amor me deu este véu,
Em que jazo embrulhado,
Por despir-te do pecado.*

*- Ó menino de Belém,
Pois sois Deus de eternidade,
Quem vos fez de tal idade?*

*- Por querer-te todo o bem
E te dar eterno estado,
Tal me fez o teu pecado.*

Pe. José de Anchieta

° O Seiscentismo ou Barroco (1601 a 1768)

Senhora Dona Bahia

*"Ninguém vê, ninguém fala, nem impugna,
e é que, quem o dinheiro nos arranca,
nos arranca as mãos, a língua, os olhos."*

*"Esta mãe universal,
esta célebre Bahia,
que a seus peitos toma,
e cria, os que enjeita Portugal"*

*"Cansado de vos pregar
cultíssimas profecias,
quero das culteranias
hoje o hábito enforcar:
de que serve arrebentar."*

*por quem de mim não tem mágoa?
verdades direi como água
porque todos entendais,
os ladinos e os boçais,
a Musa praguejadora.
Entendeis-me agora?"*

Gregório de Matos Guerra

° Setecentismo ou Arcadismo (1768 a 1836)

Se é Doce

Se é doce no recente, ameno Estio
Ver toucar-se a manhã de etéreas flores,
E, lambendo as areias e os verdores,
Mole e queixoso deslizar-se o rio;

Se é doce no inocente desafio
Ouvirem-se os voláteis amadores,
Seus versos modulando e seus ardores
Dentre os aromas de pomar sombrio;

Se é doce mares, céus ver anilados
Pela quadra gentil, de Amor querida,
Que esperta os corações, floreia os prados,

*Mais doce é ver-te de meus ais vencida,
Dar-me em teus brandos olhos desmaiados.
Morte, morte de amor, melhor que a vida.*

Manoel Maria Du Bocage

° Romantismo (1836 até 1881)

Zelos

*Tenho ciúme
Do ar que gira
E que respira
O teu perfume.*

*Tenho ciúme
Da luz que bebe
Nos olhos d'Hebe
O brando lume.*

*Tenho ciúme
Desse retiro
Que ouve o suspiro
Do teu queixume.*

*Tenho ciúme
Da flor, senhora,
Que em ti adora
Celeste nune.*

*Tenho ciúme
De quanto existe
Que me fez triste
E me consome.*

José de Alencar

° Realismo (1881 a 1893)

A Carolina

*Querida, ao pé do leito derradeiro
Em que descansas dessa longa vida,
Aqui venho e virei, pobre querida,*

*Trazer-te o coração do companheiro.
Pulsa-lhe aquele afeto verdadeiro
Que, a despeito de toda a humana lida,
Fez a nossa existência apetecida
E num recanto pôs um mundo inteiro.*

*Trago-te flores, - restos arrancados
Da terra que nos viu passar unidos
E ora mortos nos deixa e separados.*

*Que eu, se tenho nos olhos malferidos
Pensamentos de vida formulados,
São pensamentos idos e vividos.*

Machado de Assis

° Parnasianismo (1881 a 1893)

Chuva e Sol

*Agrada à vista e à fantasia agrada
Ver-te, através do prisma de diamantes
Da chuva, assim ferida e atravessada
Do sol pelos venábulos radiantes...*

*Vais e molhas-te, embora os pés levantes:
– Par de pombos, que a ponta delicada
Dos bicos metem nágua e, doidejantes,
Bebem nos regos cheios da calçada...*

*Vais, e, apesar do guarda-chuva aberto,
Borrifando-te colmam-te as goteiras
De pérolas o manto mal coberto;*

*E estrelas mil cravejam-te, fagueiras,
Estrelas falsas, mas que assim de perto,
Rutilam tanto, como as verdadeiras...*

Raimundo Correia

° Simbolismo (1893 a 1922)

Ismália

Quando Ismália enlouqueceu,

Pôs-se na torre a sonhar...

Viu uma lua no céu,

Viu outra lua no mar.

No sonho em que se perdeu,

Banhou-se toda em luar...

Queria subir ao céu,

Queria descer ao mar...

E, no desvario seu,

Na torre pôs-se a cantar...

Estava longe do céu...

Estava longe do mar...

*E como um anjo pendeu
As asas para voar. . .
Queria a lua do céu,
Queria a lua do mar...*

*As asas que Deus lhe deu
Ruflaram de par em par...
Sua alma, subiu ao céu,
Seu corpo desceu ao mar...*

Alphonsus de Guimaraens

° Pré-Modernismo (1902 a1922)

Solitário

*Como um fantasma que se refugia
Na solidão da natureza morta,
Por trás dos ermos túmulos, um dia,
Eu fui refugiar-me à tua porta!*

*Fazia frio e o frio que fazia
Não era esse que a carne nos contorta...
Cortava assim como em carniçaria
O aço das facas incisivas corta!*

*Mas tu não vieste ver minha Desgraça!
E eu saí, como quem tudo repele,
- Velho caixão a carregar destroços -*

*Levando apenas na tumba carcaça
O pergaminho singular da pele
E o chocalho fatídico dos ossos!*

Augusto dos Anjos

° Modernismo (1922 a 1945)

Amar

*Que pode uma criatura senão,
entre criaturas, amar?
amar e esquecer, amar e malamar,
amar, desamar, amar?
sempre, e até de olhos vidrados, amar?*

*Que pode, pergunto, o ser amoroso,
sozinho, em rotação universal,
senão rodar também, e amar?
amar o que o mar traz à praia,
o que ele sepulta, e o que, na brisa marinha,
é sal, ou precisão de amor, ou simples ânsia?*

*Amar solenemente as palmas do deserto,
o que é entrega ou adoração expectante,
e amar o inóspito, o cru,*

*um vaso sem flor, um chão de ferro,
e o peito inerte, e a rua vista em sonho,
e uma ave de rapina.*

*Este o nosso destino: amor sem conta,
distribuído pelas coisas pérfidas ou nulas,
doação ilimitada a uma completa ingratidão,
e na concha vazia do amor a procura medrosa,
paciente, de mais e mais amor.*

*Amar a nossa falta mesma de amor,
e na secura nossa amar a água implícita,
e o beijo tácito, e a sede infinita.*

Carlos Drummond de Andrade